

# ★ VIDA, PAIXÃO E GLÓRIA DE PLÍNIO MARCOS

Edelcio Mostaço

É pesquisador PQ do CNPq. Crítico e ensaísta, é professor de estética teatral na Universidade do Estado de Santa Catarina.

Resenha do livro *Bendito maldito: uma biografia de Plínio Marcos*, de Oswaldo Mendes. São Paulo: Leya Brasil, 2009, 497 p.

“**E**u já inventei tantas histórias sobre mim mesmo que não sei mais o que é verdade ou invenção” declarou Plínio Marcos (1935-1999) numa entrevista alguns anos antes de morrer, o que parece ter motivado o jornalista Oswaldo Mendes, de quem foi amigo durante décadas, a investigar a fundo até onde isso, de fato, havia ocorrido.

*Bendito maldito*: uma biografia de Plínio Marcos, um volume de quase quinhentas páginas, registra longos anos de pesquisa, entrevistas e checagem de fontes, dedicados pelo autor para tentar esclarecer até onde a frase acima estava correta ou não. Em alguns momentos, ele deixa ao leitor decidir por um ou outro viés; em outros, adota a versão cheia de verve criada pelo próprio dramaturgo e, na grande maioria, esclarece detalhes que apenas a dedicação ao ofício de biógrafo autoriza mandar imprimir. Plínio Marcos, mais que todas as criaturas que criou, foi, ele mesmo, seu maior personagem.

Tendo surgido para o teatro brasileiro em meados dos anos de 1960 após a florada de autores nacionalistas oriundos do Seminário de Dramaturgia do Arena (1958-1960) e aquela surgida ao final da década, conhecida como Nova Dramaturgia (1969), Plínio figura como estrela isolada nesse rol de criadores, diferente de uns e outros, espírito indômito que nunca integrou grupos ou partidos, desbravando seus caminhos com a garra dos lutadores solitários, com a fibra dos que não se cansam,

com a inventividade dos que abraçam a vida como a única tábua de salvação possível neste mundo adverso nas quebradas do mundaréu, como ele mesmo dizia.

Canhoto, fugiu da escola o quanto pôde, para escapar das reguadas que as professoras da década de 1940, nada avisadas sobre necessidades especiais, insistiam em aplicar àqueles que fugiam aos padrões. Isso talvez explique sua rebeldia frente às autoridades, que jamais conseguiram dobrá-lo ao longo de toda sua existência. Preso diversas vezes ao longo do regime militar, censurado em todo o território nacional, ameaçado de morte aqui e ali, Plínio atravessou décadas batendo boca com todo mundo, atirando pedras em governadores, xingando políticos pela televisão, pisando no calo dos poderosos, dando provas, a todo instante, de seu incorrigível gauchisme. “Vai ser gauche na vida”, advertira Drummond num poema famoso, criando um precedente poético para aquele moleque arrua-ceiro do Macuco, bairro santista onde morou, que atravessou a adolescência contrariando vizinhos e os princípios moralistas da família espírita em que nasceu.

Foi palhaço de circo, funileiro, vendedor de figurinhas, frequentador dos cabarés da zona de metrício do porto e acima de tudo camelô. Vendeu de tudo, de livros nunca entregues a blusas de cashemir, incluindo o corpo de um amigo, a ser devidamente encaminhado à Faculdade de Medicina

Fotos: arquivo família de Plínio Marcos.



após a morte dele. No final dos anos de 1950 viveu a efervescência da vida cultural de Santos, onde Patrícia Galvão pontificava como respeitada intelectual, despontando em montagens amadoras adultas e infantis. Escreveu *Barrela*, seu primeiro texto para o palco, em 1959, proibido logo após curta temporada amadora.

Transferindo-se para São Paulo, desempenhou diversas funções (entre as quais segurar nas costas Cacilda Becker enrolada num tapete durante a temporada de *César e Cleópatra*, 1963), onde conheceu a atriz Walderez de Barros, com quem se casou e teve três filhos.

*Dois perdidos numa noite suja* e *Navalha na carne* (1966 e 1967) tornaram-se ícones de sua primeira fase, que comporta ainda criações como a já referida *Barrela* e *Homens de papel* (1967), à qual deve ser acrescentada *Abajur lilás* (1975), conformando um amplo painel social que destaca personagens pouco frequentes na cena nacional: os inclassificáveis, os marginalizados. São criaturas à beira do colapso de vida, de nervos, de existência habitantes de zonas limítrofes entre o ser e o não ser, engalfinhadas em situações que as tornam carrasco e vítima de si mesmas, infundindo a cada uma um perfil psicológico todo próprio e inconfundível. Ninguém escreve como ele. Suas criaturas se exprimem através de palavras comuns, gírias, expressões idiomáticas, um idioleto que apenas um apurado ouvido foi capaz de registrar dentre as muitas situações que presenciou e viveu à beira do cais de Santos. Se Nelson Rodrigues tornou-se famoso por captar aquela indefectível oralidade carioca, Plínio o fez em relação a Santos.

A aproximação entre os dois autores não é fortuita. Ambos admiravam-se mutuamente, cientes

de serem os criadores de um teatro comprometido, sobretudo, com a vida mais profunda das cidades brasileiras. Ambos foram cronistas, ganharam fama escrevendo para jornais, autores de frases célebres para definir pessoas e situações, proibidos durante anos pela Censura; embora tivessem posições políticas e éticas muito distantes um do outro.

A longa proibição de suas peças levou Plínio a trabalhar em diversas atividades e a permanecer ausente dos palcos durante alguns anos. Por outro lado, aproveitou para ocupar-se com o futebol, o carnaval e o samba de raiz, sendo o fundador da Banda Redonda. Escreveu alguns musicais: *Balbina de Iansã* (1970), *O Poeta da Vila e seus amores* (1977), *Jesus homem* (1980); além de dois textos carregados de espiritualidade: *Madame Blavatsky* (1985) e *Balada de um palhaço* (1986), que denunciam uma virada em sua vida, o início de uma fase mística na qual vivia de leituras de tarô e dava cursos para interessados em melhorar seus relacionamentos, atividades que exerceu até seus últimos dias, após ter presenciado a leitura de seus textos em Paris e ter recebido o título de Cidadão Emérito da cidade de Santos. A seu pedido suas cinzas foram jogadas por Vera Artaxo, sua segunda mulher, na baía de sua cidade natal.

Oswaldo Mendes sintetizou tudo isso e muito mais com competência e empenho, fazendo justiça ao perfil do biografado. Tomara que venha assim estimular novos olhares para esse autor exponencial, inspirando acadêmicos a se debruçarem sobre Plínio e sua obra, pouco estudada até o momento, ainda à espera de uma reclassificação estética que possa esmiuçar todas as qualidades que ela indiscutivelmente ostenta e que suas inúmeras remontagens apenas confirmam. ☆

